

Livro de Memórias

PANDEMIA, POBREZA E ENSINO MÉDIO

Os efeitos da pandemia da covid-19 na educação de estudantes do ensino médio em condição de pobreza e de vulnerabilidade social: o caso de uma escola particular do município de Vila Velha/ES

Letícia Maria Borlini Mendes
Rosemeire dos Santos Brito

Descrição Técnica do Produto

Autoria: Letícia Maria Borlini Mendes (Discente) e Rosemeire dos Santos Brito (Orientadora).

Nível de ensino a que se destina o produto: educação básica.

Área de Conhecimento: Educação.

Público-alvo: equipe gestora, alunos e professores da educação básica, além das famílias.

Categoria deste produto: desenvolvimento de livro digital vinculado à Educação.

Finalidade: sintetizar as vivências, os desafios, as emoções e as memórias dos estudantes de ensino médio, das suas famílias e dos gestores da escola de Terra Vermelha sobre o período de aulas remotas adotadas nos anos de 2020 e de 2021, em decorrência da pandemia da covid-19.

Organização do produto: O produto foi organizado em quatro capítulos com as impressões e falas mais relevantes dos participantes.

Registro de propriedade intelectual: Ficha Catalográfica emitida pela Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo.

Disponibilidade: irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação: digital.

URL: Página do PPGMPE: www.educacao.ufes.br

Processo de validação: Validado na banca de defesa da dissertação.

Processo de aplicação: Será disponibilizado aos gestores, de maneira a encaminharem aos professores da escola lócus de pesquisa, aos alunos e às famílias participantes.

Impacto: alto. Produto elaborado a partir principais aspectos relativos às experiências, percepções e sentimentos vividos pelos participantes da pesquisa durante o período pandêmico e que auxiliará a escola a compreendê-los e a registrá-los como um acontecimento importante vivenciado por toda comunidade educativa.

Inovação: alto teor inovativo. O produto apresenta dados que ainda não tinham sido catalogados em nenhum outro material pedagógico dos sistemas de ensino locais.

Origem do produto: dissertação intitulada “Os efeitos da pandemia da covid-19 na educação de estudantes do ensino médio em condição de pobreza e de vulnerabilidade social: o caso de uma escola particular do município de Vila Velha/ES”.

**Letícia Maria Borlini Mendes
Rosemeire dos Santos Brito**

Livro de Memórias:

**Pandemia, pobreza
e ensino médio**

“Os efeitos da pandemia da covid-19 na
educação de estudantes do ensino
médio em condição de pobreza e de
vulnerabilidade social: o caso de uma
escola particular do município de Vila
Velha/ES”

VILA VELHA, 2023

Aos que nos ensinaram a amar a educação;
Aos que nos ensinaram sobre transformação;
Às juventudes transformadoras.

Apresentação

Este livro de memórias é um produto educacional construído como requisito do curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, a partir da pesquisa “Os efeitos da pandemia da covid-19 na educação de estudantes do ensino médio em condição de pobreza e de vulnerabilidade social: o caso de uma escola particular do município de Vila Velha/ES”.

Sintetiza as vivências, os desafios, as emoções e as memórias dos estudantes de ensino médio, das suas famílias e dos gestores da escola de Terra Vermelha sobre o período de aulas remotas, adotadas nos anos de 2020 e de 2021 em decorrência da pandemia da covid-19.

A escola de Terra Vermelha é uma instituição privada, sem fins lucrativos, que oferta bolsas de estudos de 100% de gratuidade a crianças, adolescentes e jovens que comprovadamente possuam perfil socioeconômico para tal fim. Está localizada na região V do município de Vila Velha, Espírito Santo, localidade estigmatizada pelas condições de pobreza, de vulnerabilidade social e por seus desdobramentos, como a violência, a marginalidade territorial e social e os precários investimentos públicos.

No ano de 2020, diante de todas as medidas já provocadas pelo vírus e, então, da evidência de que os efeitos da pandemia da covid-19 também estavam sobre a educação em nível mundial, em 16 de março é oficializada a suspensão das aulas pelo governo do estado do Espírito Santo, por meio do Decreto nº 4597-R.

A partir de então, as escolas particulares, de maneira isolada e independente, iniciaram a organização das estratégias para realização de aulas não presenciais.



Na escola de Terra Vermelha, em meio a desafios relacionados à internet, às condições sociais, econômicas e estruturais das famílias e aos naturais medos advindos da nova rotina estabelecida, optou-se pela adoção das aulas *online* e, em segundo plano, elaboração de roteiro de estudos para alunos que não possuíam acesso à internet, com retirada e devolução na escola.

Para o desenvolvimento da pesquisa, optamos pelo público do ensino médio, que, enquanto etapa final da educação básica, constituiu-se como o local onde se concentraram as maiores indagações, tendo em vista a sua trajetória historicamente construída por interesses políticos antagônicos, incrementados por características geracionais, sociais e históricas das juventudes, que, possivelmente, se tornaram mais aguçadas diante dos desafios impostos à educação pela pandemia.

Além dessas circunstâncias, entendemos ser relevante aos resultados da pesquisa o fato de os estudantes terem cursado o ensino médio durante os anos de aulas remotas (2020 e 2021), inseridos, portanto, na 1ª e na 2ª série dessa etapa da educação básica. Por isso, o estudo está concentrado naqueles que estiveram na 3ª série do ensino médio no ano de 2022, que, além da vivência da pandemia, envolvia também as expectativas relacionadas à conclusão do ensino médio e a transição para as próximas etapas de suas vidas.

Assim, no universo dos 35 estudantes que formavam a 3ª série no ano de 2022, a pesquisa se concentrou em oito deles, com vistas à realização de entrevistas em profundidade, algo que não seria possível com um quantitativo maior.

Considerando, portanto, que todos ingressaram até o ano de 2020 na escola de Terra Vermelha, o que seria um dos critérios de elegibilidade, os aspectos socioeconômicos foram determinantes na escolha dos estudantes entrevistados, cujas falas aparecerão neste livro.

As famílias e os gestores também foram incluídos pela necessidade de aprofundar como se deu a pandemia na perspectiva deles e em que patamar os efeitos e as percepções se aproximavam ou se tornavam diferenciados daqueles percebidos pelos estudantes, portanto, também integram as falas citadas neste trabalho.

Quanto às famílias, de maneira a mais uma vez viabilizar a realização de entrevistas em profundidade, foram entrevistadas três, seguindo a classificação realizada para elencar os estudantes. Logo, as famílias dos três estudantes mais vulneráveis socioeconomicamente, na figura do/a responsável legal, foram as entrevistadas, seguindo também o critério de aceite para participar das entrevistas.

Para os gestores, optou-se pela direção e vice-direção pedagógica, tendo em vista a proximidade com a gestão dos aspectos pedagógicos relacionados ao período pandêmico.

Respeitando a identidade dos participantes da pesquisa, eles serão citados em anonimato como Estudante 1, Estudante 2, Estudante 3, Estudante 4, Estudante 5, Estudante 6, Estudante 7 e Estudante 8 para os estudantes; Família do Estudante 2, Família do Estudante 3 e Família do Estudante 4 para as famílias que foram entrevistadas e, por fim, Diretora e Vice-diretora pedagógica para os gestores da escola que participaram da pesquisa.

A partir do resultado da pesquisa, este “livro de memórias” não se atentará a informações históricas e teóricas da pandemia, da pobreza, do ensino médio ou das juventudes, mas sim às impressões e falas mais relevantes dos participantes, concedidas durante as entrevistas em profundidade, realizadas pela autora da pesquisa.

Demonstrarão, portanto, o que significaram para os jovens do ensino médio e para a escola de Terra Vermelha “as novas salas de aula”, vividas em meio à pobreza e à vulnerabilidade social, nas quais os jovens estavam inseridos.

Atualmente, esses jovens vivem outras rotinas, porém, levam consigo as marcas de um contexto caracterizado por eles como “difícil” e “desafiador”, que os impactou no ensino médio e nas próximas fases de suas vidas. As famílias e os gestores ainda se reconstróem após se reinventarem tantas vezes diante dos inúmeros desafios trazidos pela pandemia da covid-19.

As memórias da pandemia são, portanto, complexas e exaustivas, mas, sem dúvidas, para a educação significa o início de um novo tempo. Não podem deixar de ser registradas.

Sumário

PARTE

01

De repente PANDEMIA: a nova rotina e as emoções

PARTE

02

As salas de aula não são mais as mesmas: relatos sobre a dinâmica de aulas *online* e assíncronas

PARTE

03

Viver o ensino médio na pandemia: o que levo dessa experiência?

PARTE

04

Considerações finais

De repente PANDEMIA: a nova rotina e as emoções

1.1. Ausência de liberdade e os “novos” cuidados com a higiene

Com efeitos experimentados por todos os segmentos da sociedade, sejam eles no âmbito da saúde, da economia, da cultura, da educação, do lazer, do trabalho, dos serviços essenciais ou de qualquer outro, era de se esperar a mudança no dia a dia das pessoas, inclusive, dentro dos seus lares. Assim, foi consenso entre os entrevistados as mudanças abruptas na dinâmica do ambiente familiar, experienciando:

“Era tudo mais livre. Você nem fazia o uso do álcool diariamente, nem andava com máscara também. Depois que foi para a pandemia acabou que teve o uso de máscara, uso de álcool, aí qualquer coisinha que comprava na rua tinha que passar álcool nas sacolas.

“

**Era tudo
mais
livre**

E quando você chegava em casa também tinha que tomar banho. Na minha casa moravam eu e minha mãe. Minha mãe trabalhava presencial. Meio que o chefe da empresa não liga muito, né? Se não for presencial é até demitido também” (Estudante 2).

1.2. Dificuldades relacionadas à organização dos lares:

“Sinceramente era uma bagunça, porque minha casa é pequena e morava muita gente. Minha mãe, meu pai, mais três irmãs e dois sobrinhos. Bagunça! Muita, muita. Muito agitado” (Estudante 1).

No olhar das famílias, a rotina do lar também mudou...

“[...] Antes da pandemia era tudo tranquilo. Eles iam para a escola, meu esposo trabalhava, eu também estava trabalhando. Mas era a rotina normal. [...] Depois da pandemia, aí ficou mais complicado, porque como as aulas eram online, o [Estudante 3] optou, como na casa da avó dele sempre teve computador e um quarto para ele, ele optou por ficar mais lá do que aqui na nossa residência. Aí o [irmão] estudava mais aqui e o [Estudante 3] lá na avó dele.

O trabalho também diminuiu bastante, né? Principalmente para o meu esposo. Eu parei e ele continuou, só que fazendo bico também [...]” (Família do Estudante 3).

...como na casa da avó dele sempre teve computador e um quarto para ele, ele optou por ficar mais lá do que aqui na nossa residência.

As condições estruturais das residências se tornaram mais evidentes:

“O meu quarto, ele é um lugar pouco arejado porque ele está de frente pra uma parede de outra casa e também ele é um pouco escuro.

Ele é pequeno e um pouco abafado. Então era bem difícil ficar lá dentro, mas era o único lugar que, tipo assim, era silencioso. Tinha uma mesa pequena que cabia só o computador.

E muitas vezes eu ficava na cama. Porque como estava sentado, as costas doíam” (Estudante 6)

“Era uma cadeira que não era confortável, aquelas cadeiras de plástico [...]. E também a mesa ficava muito perto da parede, que tinha mofo por conta da chuva que teve naquela época. E não tínhamos conexão com a internet própria, era emprestado.

[...] o computador ficava apoiado sobre o uma prateleira do meu guarda-roupa e não podia sair dali senão a internet não funcionava, então às vezes eu tinha que ficar as quatro horas em pé, porque eu não conseguia enxergar o computador ao mesmo tempo e não tinha como sentar”.

(Estudante 6)



1.3. Os desafios encontrados em relação à internet

A internet tornou-se, portanto, um recurso fundamental, e sua ausência ou a impossibilidade de manutenção pela falta de recursos financeiros, além de ser uma realidade, impedia o acesso à aula *online*, exigindo do estudante a busca por outra estratégia oferecida pela escola ou a descontinuidade dos estudos.

“Eu assisti a algumas aulas pelo celular da minha mãe quando dava também, porque a internet, né? Sem dinheiro não tinha como ficar pagando em dia. Aí é aquela dificuldade, né? A internet caía, não tinha internet. Eu tentava acompanhar no início do ano o online.

Depois eu comecei a pegar as atividades impressas. Não dei conta das atividades também, porque eu não sabia como responder, né? Porque eu não estava pegando as aulas, não sabia como responder. Aí ficou assim, e depois eu comecei a voltar pra escola. Começou a voltar as aulas presenciais” (Estudante 1).

Os empecilhos estavam também na plataforma Teams, utilizada pela escola para transmissão das aulas *online*:

“O Teams era pesado e consumia muita a memória do meu computador, que não era um dos melhores. Era o mais básico, que foi o que deu pra comprar na época. Meu pai comprou para as aulas online, então foi o que tinha, tipo, o mais simples, o que dava para ter. E era muito pesado o programa, às vezes eu abria o Teams, ficava, sei lá, trinta minutos na aula e depois fechava porque o computador estava tão sobrecarregado que ele fechava sozinho e desligava sozinho. Então pra ligar de novo tinha que esperar e ficava muito tempo com ele ligando, ele reiniciando até voltar pra a aula e, às vezes, ficava acontecendo isso várias vezes ao dia. Já aconteceu também de fechar durante as provas e eu perder a prova [...]” (Estudante 6).

1.4. Complicações na situação de trabalho, emprego e renda



Mudou drasticamente, a renda mensal nunca foi tipo alta, então com a entrada da pandemia diminuiu total, minha mãe recebia em torno de quê? Novecentos reais por mês e acabou descendo, tipo, para seiscentos, setecentos, então era aquilo que tinha para viver e precisava da ajuda do governo, entendeu? De bolsa família e essas coisas para conseguir (Estudante 4).

A pandemia revela...

A precarização do trabalho vivenciada pelas famílias e a exposição ao vírus pela necessidade de manter a subsistência:

“E meu pai, ele já trabalhava. Ele já foi trabalhando. Então durante a pandemia não mudou basicamente nada. Ele é bombeiro hidráulico. [...] tivemos mais gastos. Conta de água e energia. E por conta do aumento dos alimentos e outras coisas, como gás, produtos de limpeza, produtos higiênicos. Então tínhamos em alguns momentos que controlar o dinheiro, às vezes, tipo assim, perdidos porque não sabíamos o que fazer [...]” (Estudante 6).

A dificuldade para recomeçar:

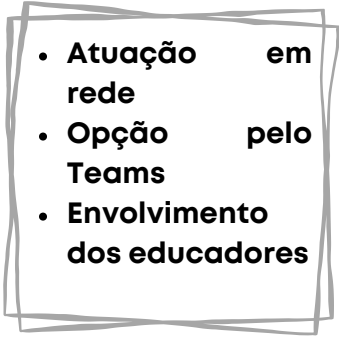
“Ah, fechei [o comércio] . Não deu para continuar. Depois da queda, a gente não se reergueu, ficamos naquela coisa, parece que o país ainda não se reergueu, né? Aí ficou muito ruim, desviou o propósito também do comércio” (Família do Estudante 4).

As salas de aula não são mais as mesmas: relatos sobre a dinâmica de aulas *online* e assíncronas

2.1. Como foi organizado o ensino remoto?

“A estratégia principal foi a atuação em rede. Trata-se de uma rede forte [...], então, o primeiro ponto foi a atuação da mantenedora. Ela organizou todo o processo, porque a gente tem uma marca, um nome a zelar. Então a gerência educacional organizou todo o processo e nos convidou para um diálogo, quando foi alinhado com todos os gestores. Todas as unidades trabalharam de uma forma muito conjunta. A segunda estratégia foi a definição do software adequado. Que aqui nós utilizamos a plataforma Teams.

A terceira foi o envolvimento dos educadores. Os professores abraçaram a causa, claro que todo mundo estava também preocupado, sofrido e assustado com toda a situação, mas eles abraçaram a causa, os que não tinham muito domínio da informática se envolveram, se comprometeram” (Diretora).

- 
- **Atuação em rede**
 - **Opção pelo Teams**
 - **Envolvimento dos educadores**

Para os alunos sem acesso à internet, a estratégia foram os roteiros de estudo impressos:

“A gente fazia foi um roteiro mensal, no qual o professor colocava lá alguma atividade, ou do livro ou ele produzia uma atividade para esse aluno. [...] ele colocava qual atividade que ele queria e onde que o menino ia encontrar aquele conteúdo. [...] Alguns não foram entregues e tinha que ficar ligando para cobrar. Era só para ele não ‘enferrujar’” (Vice-diretora pedagógica).

2.2 A gestão e os estudantes não deixaram de exaltar a dedicação dos professores...

“Os professores abraçaram a causa, claro que todo mundo estava também preocupado, sofrido e assustado com toda a situação, mas eles abraçaram a causa, os que não tinham muito domínio da informática se envolveram, se comprometeram” (Diretora).

“Era uma dificuldade, mas ao mesmo tempo o professor fazia de tudo para não ficar um negócio tipo insuportável, sabe? Eles fazem de tudo para a gente conseguir entender e prestar atenção. Se não entendia, ele explicava de novo e se falhava, ele repetia e tal. Era cansativo, porém os professores também se esforçavam bastante para ajudar no que eles podiam, né?” (Estudante 1).

“E eles com muito medo de ‘como que eu vou fazer? Eu tenho que usar o quadro?’. Então o TI na época foi também um grande aliado, foi ajudando a gente, foi fazendo formações com os professores para eles aprenderem. [...]” (Vice-diretora pedagógica).

E o papel das famílias mesmo diante aos desafios...

“Aqui em casa nós sempre priorizamos, né? A questão de estudo. [...] A ideia é que nós não vamos a lugar nenhum sem conhecimento e estudo.

[...] sempre quando eu tinha uma dúvida, o meu pai, ele não é formado até o ensino médio e tudo mais, mas ele assim mesmo tem um pouco de conhecimento [...]” (Estudante 5).



A ideia é que nós não vamos a lugar nenhum sem o conhecimento e estudo.

2.3 A gratidão das famílias e dos estudantes pela escola de Terra Vermelha

“Na verdade, eu não tenho nem pontos negativos para falar. Eu sou muito grata, sabe? Pela oportunidade, porque foi muito difícil, né? Ter conseguido a vaga para ele. [...] Então assim, eu não tenho nem o que reclamar da escola, porque a escola foi maravilhosa do início ao fim, mesmo na pandemia que foi um período mais difícil, né? Que as os alunos estiveram mais em casa, mas a escola sempre esteve ali dando atenção, sempre foi muito bacana a escola e todos os profissionais [...]” (Família do Estudante 2).

“A escola ‘virou de cabeça para baixo’, tentou várias formas, deu muitas alternativas, deu muitas dicas, ajudou no que a gente mais precisava. Lembro que uma vez mandei mensagem dizendo que não conseguia assistir à aula, minha internet tinha caído e não dava para usar os dados móveis porque acabava, e a escola entendeu. Foi sempre compreensiva, tentando ajudar os alunos a se adaptar ao EAD. No presencial, o suporte foi igual, pois a escola teve compreensão com as dificuldades [na aprendizagem] quando voltamos ao presencial. A defasagem nos estudos e nos conteúdos, e a escola foi bem compreensiva, tentou ajudar de todas as formas possíveis” (Estudante 6).

Em contrapartida, a necessidade de olhar para a condição de pobreza e de vulnerabilidade social dos alunos e de suas famílias:

“Eu acho que a gente fez o que foi possível. O que estava ao nosso alcance a gente fez. A gente entrou em campanha para cesta básica, pegou até o recurso da merenda das crianças, tudo que a gente pode fazer a gente fez. Não percebo nada que a gente não tenha feito. A gente só não conseguia comprar um computador e pagar internet para as famílias. Se a gente tivesse recurso, podia ter feito também, mas tudo a gente fez” (Diretora).

2.4 Estudar remotamente, ainda assim, foi difícil na visão dos estudantes

A dificuldade na aprendizagem:

“[...] Era mais difícil de aprender, de entender explicação, concentrar” (Estudante 3).

Os desafios na comunicação e na internet:

“O presencial é muito melhor, não tem como, né? Não tem essa queda de energia, a queda da internet. Tem como se comunicar com o professor, tirar dúvida na hora. Às vezes o professor não abre o chat no EAD, né? Aí a gente manda perguntas no chat, não tem como, microfone falha, tem várias coisas que dispersam o aprendizado no EAD. Então o presencial é muito melhor, no online a qualidade dos estudos ficou muito comprometida” (Estudante 4).

A facilidade para a dispersão:

“Falta de atenção, porque dentro de casa você acaba se distraindo muito e a atenção do professor é diferente. Eles também estão na casa deles e não conseguem ver todos os alunos, se estão com dúvida ou não, ou você não sabe se só você que está com dúvida, você não sabe se você manda no chat, você não sabe se o professor está cansado, então, assim, é muito ruim em relação a essa questão de dar conteúdo porque acaba que vai passando muita coisa batida” (Estudante 7).

A imaturidade para o ensino a distância:

“A responsabilidade, porque, ainda mais no ensino médio, não é todo mundo que tem uma responsabilidade tão alta e acaba relaxando quando é EAD. Isso também tem vários fatores, né? Será que os pais também estão cobrando ou não, né? Tem gente que consegue estudar fácil, tranquilo no EAD. [...], mas, no caso, para o ensino médio o EAD acho que já é difícil, né? Não era igual estar lá no presencial com o professor perto” (Estudante 8).

“Foi péssimo. Deixei muito a desejar. Não tinha muita vontade de estudar e estava muito desanimado. Parecia que a pandemia nunca ia ter fim. Fazia as atividades por fazer e não realmente com o intuito de aprender, para ter nota. Foi desanimador. Relaxei nos estudos por conta de desânimo”.

(Estudante 6)

“Eu, por mim, bem mediano, eu não me esforcei o tanto que eu me esforçava presencialmente. Era aquela coisa ali, mais cômoda você com a internet do seu lado para poder fazer tudo. Você tem WhatsApp para poder mandar mensagens para o colega. Então, assim, o meu estudo foi bem mediano pra baixo. Decaiu muito. E aí eu senti esse reflexo no terceiro ano que foi praticamente presencial, né? Aí eu senti mais o reflexo de ter feito os dois primeiros anos do ensino médio online. Eu vi que a minha falta de interesse e a minha comodidade me afetou na frente depois”.

(Estudante 7).



Viver o ensino médio na pandemia: o que levo dessa experiência?

3.1 Como foi para você ingressar no ensino médio?

Os estudantes entrevistados ingressaram no ensino *online* na 1ª série do ensino médio, e, portanto, passaram a vivenciar uma nova realidade educacional juntamente a uma nova etapa da educação básica.

“Foi bem desesperador. Eu entrei em desespero total porque era bem bobinho no 9º ano e, tipo, não tinha tanto compromisso quanto eu tive que criar no ensino médio, né? Porque eram mais de dez matérias e nossa, muito mais compromisso. Agora eu era uma adolescente de verdade. E tinha que estudar sozinha, aprender a ter o meu calendário de estudos. A saber me organizar para conseguir passar de ano [...]” (Estudante 4).

“
Porque eram mais de dez matérias e nossa, muito mais compromisso.”

Foi recorrente, nas falas dos estudantes, certa defasagem deixada pelo período em que estiveram com as aulas presenciais suspensas:

“Era desesperador porque chegava lá e eles falavam ‘agora vamos revisar uma coisa que passou no primeiro ano’, aí a galera da sala: ‘mas vocês passaram isso? A gente nem lembra’. Querendo ou não, interfere no resultado do Enem e no futuro, porque você não domina o conteúdo. Algumas coisas vão ter que voltar lá no começo pra aprender tudo de novo” (Estudante 3).

3.2 Inesperadamente chegou a 3ª série. E agora?



“Tive a sensação de que não tive o ensino médio. Parece que estava só cumprindo horário. A 3ª série foi presencial, mas sentindo os efeitos da pandemia. Parecia que eu tinha pulado da 1ª para a 3ª série” (Estudante 6).

“Também foi muito difícil porque eu sinto que a gente parou no início do primeiro ano, bem ali no início de 2020. Então toda aquela questão de amadurecimento que a gente teria em coletivo, né? Estaria amadurecendo ao longo do primeiro, ao longo do segundo, você vai aprendendo coisas, você vai crescendo junto com outras pessoas. Eu sinto que a gente não teve. [...] E aí eu senti a cobrança, vocês já são terceiro ano, vocês precisam fazer isso, mudar comportamento, não sei o que lá. Só que são coisas que a gente acabou perdendo porque a gente não teve, a gente não vivenciou o primeiro e o segundo ano. Então a gente estacionou ali. [...]” (Estudante 7).

Para as famílias, ainda fica a certeza de um futuro melhor:

“Ela sentiu muita diferença quando entrou [na escola de Terra Vermelha]. Muita diferença. Ela sentiu mesmo. Ela sentiu e pegou para a vida dela. Tanto é que ela estuda até hoje por conta própria” (Família da Estudante 4).

A gestão vive o peso dos efeitos da pandemia no ensino médio:

“Foi o pior rendimento da gente. Foi o pior rendimento no Sisu” (Vice-diretora pedagógica).

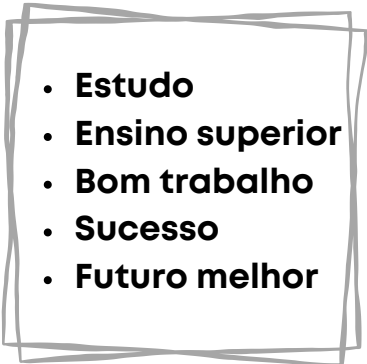
3.3 Como concludinte do ensino médio, como você se vê daqui pra frente?

Nas últimas falas dos jovens estudantes já são perceptíveis as expectativas para o futuro, mesmo que ainda não saibam qual caminho seguir.

Eu pretendo não parar de estudar, né? Porque a minha meta é conseguir algo que eu goste, que eu não vou trabalhar com aquela expressão, trabalhar para burro, né? [...] Vou fazer aí a minha faculdade. Dentro da engenharia civil que eu vou fazer (Estudante 1).

Eu me vejo com muito sucesso, porque eu estou fazendo uma coisa que eu gosto, por mais que não seja o meu curso principal, que um dia eu ainda vou realizar, o curso que eu estou fazendo ele me dá muita oportunidade, é um leque de opções e a oportunidade de estar fazendo uma faculdade, querendo ou não, da faculdade para o ensino médio tem muitas diferenças, então, tipo, é um novo ciclo, um novo mundo. O meu trabalho, eu graças a Deus consegui um trabalho muito bom, eu sou vendedora (Estudante 5).

Vou tentar estudar mais um pouco, fazer o Enem do ano que vem de novo. Deste ano não, do ano que vem. E aí tentar fazer uma faculdade. [...] (Estudante 3).

- 
- **Estudo**
 - **Ensino superior**
 - **Bom trabalho**
 - **Sucesso**
 - **Futuro melhor**

“Você deveria ter o ensino médio vivenciando o final da sua adolescência para poder entrar no início da vida adulta. Qual curso você vai fazer, qual área você quer seguir, com o que é que você quer trabalhar no futuro, eu acho que a expectativa que eu tinha era a de construir essa decisão ao longo do ensino médio” (Estudante 7).



“[...] a gente só chega no terceiro ano tendo que decidir tudo e você não tem todo aquele amadurecimento que você deveria ter, você só precisa decidir porque está na sua porta, você precisa saber o que que você vai fazer, qual curso você vai prestar, para onde que você vai entrar, como que você vai fazer?” (Estudante 7).

Considerações finais

Ser jovem e construir-se como sujeito no mundo não é uma tarefa fácil, especialmente porque carrega estereótipos e imposições importantes vindas da sociedade. Ser jovem no ensino médio é um tempo de construção e de busca de sentidos pela própria lógica que essa etapa da educação básica possui, sempre focada no Enem e no alcance do lugar no mercado de trabalho, independentemente das vontades individuais que os jovens possuem.

Ter que viver todas essas questões em meio à pandemia, ao distanciamento social e às incertezas do que seria o amanhã realmente trouxe efeitos significativos a esses estudantes, tornando-os muitas vezes inseguros e mais incertos do que o habitual.

Que todas essas memórias não os estagnem, mas, pelo contrário, se tornem instrumentos de transformação para a educação, para as juventudes e para a escola de Terra Vermelha, sempre na esperança de tempos melhores.



Sobre as autoras



Letícia Maria Borlini Mendes

Atuante na educação básica desde o ano de 2012, atualmente exerce a função de orientadora educacional. Possui graduação em Serviço Social e cursa Pedagogia. Possui especialização em Educação, Pobreza e Desigualdade Social. É mestranda do Mestrado Profissional em Educação pelo Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE), vinculada à linha de pesquisa Docência e Gestão de Processos Educativos.



Rosemeire dos Santos Brito

É professora do Departamento de Educação, Política e Sociedade, do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes, pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais - NEPE/Ufes. É doutora em Educação, mestre em Educação, graduada e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo - USP.

